

**AJES - INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA  
PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA COM ÊNFASE  
NA INCLUSÃO SOCIAL**

**9,0**

**A DEFICIÊNCIA INTELECTUAL EM FOCO: Investigando o tratamento  
disponibilizado aos alunos na educação especial da escola Estadual Tarsila do  
Amaral no município de Colniza/MT no ano de 2014**

**ACADÊMICA: SIRLENE RIOS KRUGER**

**[sirlene.kruger@hotmail.com](mailto:sirlene.kruger@hotmail.com)**

**ORIENTADORA: Prof.<sup>a</sup> Ma. Marina Silveira Lopes**

**COLNIZA/2014**

**AJES - INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA  
PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA COM ÊNFASE  
NA INCLUSÃO SOCIAL**

**ACADEMICA: SIRLENE RIOS KRUGER**

**[sirlene.kruger@hotmail.com](mailto:sirlene.kruger@hotmail.com)**

**ORIENTADORA: Prof.<sup>a</sup> Ma. Marina Silveira Lopes**

**A DEFICIÊNCIA INTELECTUAL EM FOCO: Investigando o tratamento  
disponibilizado aos alunos na educação especial da escola Estadual Tarsila do  
Amaral no município de Colniza/MT no ano de 2014**

Trabalho apresentado como requisito para a obtenção do título de  
Pós – Graduação em Psicopedagogia com Ênfase em Inclusão  
Social.Orientadora: Profa. Ma. Marina Silveira Lopes

**COLNIZA/2014**

## **AGRADECIMENTOS.**

A Deus, pela saúde sabedoria e perseverança que me foi dada ao longo de minha vida.

Aos meus pais que sempre me incentivaram e me deram apoio até onde cheguei em especial aos meus três filhos Caike, Cauane e Calíria que sempre torceram pelo meu sucesso, aos meus queridos amigos e colegas de turma pelas horas difíceis mais positiva para conclusão do curso de pós-graduação.

À professora Marina pelos esforços que tem mostrado durante esta caminhada.

Aos professores pelo apoio e empenho em nos orientar.

## **DEDICATÓRIA**

A Deus e aos meus familiares pela perseverança, amor à vida e à coragem para seguir em frente.

Aos meus pais e filhos pela dedicação e fé nessa conquista, aos meus filhos pela compreensão da minha ausência em vários momentos de suas vidas.

## **EPÍGRAFE**

"Nós não devemos deixar que as incapacidades das pessoas nos impossibilitem de reconhecer as suas habilidades."

(Hallahan e Kauffman, 1994)

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 01:</b> Aluno especial em inclusão social.....	17
<b>Figura 02:</b> Aluno especial em distração na sala de aula.....	18
<b>Figura 03:</b> Atividade do N. C. na sala de recursos.....	19
<b>Figura 04:</b> Atividade com recurso visual.....	20
<b>Figura 05:</b> Atividade formação de palavras.....	21
<b>Figura 06:</b> Aluno especial em sala de aula.....	21
<b>Figura 07:</b> Aluno especial em aula inclusiva.....	22
<b>Figura 08:</b> Aluno em sala de recursos especiais.....	24
<b>Figura 09:</b> Alunos especiais em atividade.....	25
<b>Figura 10:</b> Alunos especiais em atividade.....	26
<b>Figura 11:</b> Desenho pintado pelo aluno.....	27
<b>Figura 12:</b> Tarefa realizada pelo aluno E.....	28
<b>Figura 13:</b> Atividade de alfabetização.....	29
<b>Figura 14:</b> Quarto do E.....	29

## LISTA DE TABELA

**Tabela 01:** Dados alunos especiais da Escola Estadual Tarsila do Amaral..... 15

## RESUMO

A deficiência mental é tema frequente nas pesquisas sociais e educacionais, o preconceito continua sendo a principal causa para a defasagem e a exclusão dos alunos com essa limitação, na atualidade pesquisadores e sociólogos adotaram o termo deficiente intelectual considerando que a principal característica a diminuição da capacidade intelectual . O objetivo deste trabalho é conhecer o currículo escolar e a inclusão social de criança portadora de deficiência intelectual na Escola Estadual Tarsila do Amaral no ano de 2014. A pesquisa foi realizada teoricamente em sites acadêmicos e pesquisa de campo na Escola Estadual Tarsila do Amaral com entrevista aos professores que trabalham com os alunos especiais, pais de alunos e alunos atendimentos pela instituição. O atual currículo escolar brasileiro exige que toda criança receba uma educação de qualidade, porem as escolas brasileiras pedagogicamente não está preparada para essa inclusão. Para o portador de deficiência intelectual a inclusão acontece lentamente, a leitura e a escrita mesmo nos anos finais do ensino fundamental. A família tem uma participação fundamental no desenvolvimento da criança, mas essa nem sempre está presente nesse processo. A conclusão obtida com a pesquisa que o deficiente intelectual tem suas limitações mas pode relacionar e desenvolver de forma ampla seus conhecimentos, mas é preciso muita paciência e determinação.

**Palavras-chave:** Inclusão Social, Currículo, Deficiência, Intelectual.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO I – O DEFICIENTE INTELECTUAL E A INCLUSÃO ESCOLAR.....	12
CAPÍTULO II – INCLUSÃO DE CRIANÇAS ESPECIAIS NA ESCOLA ESTADUAL TARSILA DO AMARAL: CONHECENDO A REALIDADE DE CRIANÇAS DA DEFICIÊNCIA INTELECTUAL E SUA INCLUSÃO NA SALA DE AULA.....	15
CONCLUSÃO.....	29
REFERÊNCIAS.....	30
ANEXOS.....	32

## INTRODUÇÃO

A educação brasileira passa constantemente por mudanças, a sociedade vem buscando programas que visam o desenvolvimento e melhor qualidade da educação. Entre diferentes ramos de estudo a inclusão escolar dos portadores de deficiência vem crescendo nos debates educacionais. A Declaração de Salamanca, em 1994, com a orientação internacional de que a escola deve estar preparada para o atendimento de todas as crianças, permitindo que jovens e crianças sintam iguais.

Buscando essa adaptação, as leis brasileiras e pesquisadores educacionais orientam a inclusão em todo âmbito escolar. O currículo precisa ser estruturado e contextualizado para garantir uma melhor qualidade no ensino.

Na atualidade milhares de pessoas possui alguma deficiência e a discriminação é a principal causa da exclusão desse individuo da sociedade. A exclusão é uma prática antiga que separa a pessoa com deficiência de conquistar seus direitos. A pouco auto estima e valorização impedem de conquistar seus direitos, respeitos e atendimentos nos diferentes setores da sociedade.

Muitas ações de educadores têm contribuído para a inclusão no ambiente escolar, permitindo o resgate do respeito do ser humano. Debates nacionais e internacionais visam a uniformização da educação, com política de integração e educação inclusiva a Conferência Mundial de Educação Especial, que contou com 88 países e 25 organizações internacionais, em assembleia geral, na cidade de Salamanca, na Espanha, em junho de 1994.

As ações e manifestações públicas em favor da pessoa com deficiência facilita o acesso da família até os órgãos competente, bem como cobra um maior auxilio do poder público. A família que tem um bebê que nasceu com deficiência ou surge nos primeiros anos de vida muda drasticamente a rotina do lar, a primeira atitude é o questionamento do porquê de tal ato, a não aceitação dessa deficiência. A falta de segurança, a culpa, rejeição e o medo são os principais sintomas dos pais, pois sabem da dificuldade que irão enfrentar.

As deficiências intelectuais são difíceis de serem detectadas e essa consciência leva ao desespero emocional do envolvidos. O pouco ou nenhum conhecimento sobre a deficiência intelectual faz com que se torna um problema

gigantesco. As sociedades ainda veem a deficiência como incapaz e indefesa deixando os em segundo lugar, é preciso mudar essa forma de pensar. As classes sociais com menos recursos financeiros sofrem mais com falta de atendimentos de qualidade.

Os planos governamentais, propostas, leis e decretos funcionam apenas no papel, servem para afirmar que estes estão buscando medidas de inclusão, mas na pratica são montes de siglas e nada mais. Acontecem ações integradas entre o governo e a empresa privada, porem elas são na maioria das vezes dirigidas a poucos beneficiários pré-determinados o que não muda em nada na pratica a realidade da exclusão. Os estados e municípios não possuem políticas públicas que visam a inclusão na acessibilidade a educação, esporte, saúde e cultura.

A liberdade de ação no social e intelectual no ambiente escolar para os alunos portadores de deficiência intelectual vem com duplo desafios aos pedagogos. A concepção de integração escolar os aspectos físico, social e acadêmico. A implantação da autonomia entende como diminuição ou extinção das barreiras que causam a falta de adaptação escolar, é preciso encontrar respostas que visam a liberdade de escolha.

Para tal levantamos os seguintes problemas: O currículo escolar e a inclusão? A inclusão na visão de educadores e educando? As limitações enfrentadas pelo deficiente intelectual para a inclusão? A posição da família frente a essa realidade?

A pesquisa foi realizada através de visita a Escola Estadual Tarsila do Amaral, a entrevista aconteceu com três educadores, sendo uma responsável pela sala de recursos especiais. Entrevista com a diretora da instituição de ensino. A instituição disponibilizou amplo acesso para a pesquisa que aconteceu apenas nas salas onde possui aluno com a deficiência intelectual para melhor entendimento do assunto. O principal obstáculo encontrado foi pouca frequência desses alunos. A entrevista abrangeu ainda quatro alunos com deficiência intelectual dentro da escola e uma visita a residência da família de aluno E. Todas as atividades apresentadas no trabalho são de autoria da professora responsável pela sala de recursos especiais A. M.

O objetivo é geral conhecer a realidade do aluno com deficiência intelectual na Escola Estadual Tarsila do Amaral no ano de 2014. Pretende-se investigar o

currículo escolar e a inclusão social, identificar a realidade enfrentada pelo deficiente intelectual no ambiente escolar, conhecer as concepções dos deficientes mentais acerca do desenvolvimento educacional, investigar a participação da família no ambiente escolar.

Este trabalho foi desenvolvido por meio de entrevista com educadores, alunos e família dos alunos portadores de deficiência intelectual com amplo apoio da instituição de ensino. Abordou questionário qualitativo, priorizando e moldando conforme decorrer da pesquisa, acompanhamento dos alunos na escola e de um aluno específico na casa dos pais do aluno.

A primeira etapa abordou o conhecimento teórico sobre o tema proposto, a segunda etapa a pesquisa de campo e a terceira etapa a confecção da monografia. Durante a realização da entrevista optou por questionários qualitativo com perguntas pré – estabelecida com total liberdade para o entrevistado colocar sua opinião sobre o assunto e perguntas que surgiram durante a entrevista, uma vez que o trabalho busca compreender como acontece a inclusão social no ambiente escolar.

O trabalho cumpriu todas suas metas de questionamento e teve sua estrutura em dois capítulos, sendo o primeiro Capítulo I: O deficiente intelectual e a inclusão escolar Capítulo II: Inclusão de crianças especiais na Escola Estadual Tarsila do Amaral: Conhecendo a realidade de crianças com deficiência intelectual e sua inclusão na sala de aula, a conclusão e as referências.

## **CAPÍTULO I**

### **O DEFICIENTE INTELECTUAL E A INCLUSÃO ESCOLAR**

Com a crescente fonte de questionamentos e espera por resultados positivos no cotidiano escolar a educação tem sido foco debates em todas suas esferas de atuação, o currículo escolar é tema frequente no debate escolar porque abrange toda a instituição. A discussão é fundamental para a qualidade do ensino oferecido a toda sociedade, a qualidade na educação para Moreira (2009, p.4) possibilita “que torne o sujeito capaz de se mover de uma forma restrita de viver seu cotidiano, até uma participação ativa na transformação de seu ambiente”.

O currículo torna fundamental para a organização da escola, sendo responsável para que efetive o que se propõe, a definição de currículo para Moreira (2009, p.6) “um conjunto de experiências pedagógicas organizadas e oferecidas aos alunos pela escola, experiências essas que se desdobram em torno do conhecimento”. Assim para Moreira (2009) o conhecimento é a base do currículo.

A escola deve incentivar no ambiente escolar a valorização da diversidade, que pode ser compreendida de acordo Gomes (2007, p.17) “como a construção histórica, cultural e social das diferenças”, que deve ir além das particularidades biológicas e devem ser construídas pelo individuo no meio social que convive. Para Roldão (2003) a contextualização com o meio que o aluno já está adaptado representa uma alternativa para se tratar a diferenciação curricular, o respeito pela limitação e o ritmo é essencial. A diferenciação curricular precisa ser segundo Roldão, 2003, p. 162):

[...] terá de ser central e estruturante na reconceptualização da aprendizagem escolar, na medida em que a diversidade social se acentua - ou se reconhece e nomeia - e num tempo em que o grupo social homogêneo e estanque não é e nem será mais o definidor único das pertencas sociais dos alunos das escolas de hoje e do futuro.

É inadmissível que dentro da instituição de ensino a diversidade ser ignorada, assim ao gestor e professor renovar a metodologia de ensino, com uma pedagogia inclusiva, com planejamento amplo e visão de um currículo inclusivo permitirá o ingresso de todos alunos na sociedade e sua cultura. Para Stainback e Stainback (1999) o currículo está sendo desenvolvido como sistema padrão de exigências escolares, habilidades e conhecimentos tendo como objetivo que o aluno

prossiga estudando, o professor ministra a aula e repassa a atividade, cabe ao aluno acompanhar e aquele que não o fizer está excluído da turma, na atualidade não se admite mais esse comportamento, cabe ao currículo se adaptar à realidade do aluno.

Diante de tanto obstáculo para um currículo de qualidade, Stainback e Stainback (1999) mencionam a importância de uma proposta onde o aluno é o centro da ação e aos portadores de necessidades especiais deve rever sempre o desenvolvimento das atividades propostas, o educador deve posicionar como mediador do conhecimento, incentivando para a finalização das atividades propostas, os projetos devem visar a inclusão, a leitura e escrita a partir das diversidades dos temas.

A inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais (NEE), em todas as etapas do ensino enfrenta diversos obstáculos, principalmente na capacitação dos profissionais da educação que lidam diretamente com esses alunos, sem base pedagógica a dificuldade na promoção da aprendizagem torna mais difícil. Pesquisadores na área da educação como (OLIVETO; MANZINI, 1999; VITALIANO, 2002; SANTOS, 2002; BEYER, 2003; 2006; HUMMEL, 2007) afirmam que os educadores não estão preparados para essa inclusão, é preciso capacitar o professor. Para autores como (EIDELWEIN, 2005; JESUS, 2006; MARTINS, 2006), as faculdades devem integrar em seus currículos de níveis superiores preparação para o professor enfrentar a diversidade na sala de aula.

Para Eidelwein (2005, p. 2-3):

Nem sempre a formação do professor universitário se deu da mesma forma. Em um primeiro momento, quando as disciplinas estavam se delineando e constituindo sua especificidade, não havendo formação específica para atuação docente na universidade, a competência para determinar o saber legítimo e a sua forma de transmissão era exclusiva dos fundadores dos respectivos campos do conhecimento.

A formação do professor universitário deve considerar uma prática reflexiva e inclusiva, segundo Castanho e Freitas (2005, p.1) “a universidade é um lugar onde os valores e práticas de educação inclusiva precisam ser vivenciados”, assim preparar o professor para trabalhar essa diversidade é primordial.

A educação especial ganhou mais destaque com a Declaração de Salamanca, de 1994, que propôs melhor controle das leituras e discussão acerca da

revisão do conceito aluno e educação especial. O conhecimento e prática no ambiente escolar são desafios para a inclusão do aluno especial.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) nº 9394/96, efetiva norma educacional especial para tratamento da educação especial. O capítulo V fala sobre a Educação Especial, trata de forma positiva e ligada ao ensino público. Para Ferreira (1994) e Mazzotta (1996) o texto foi fiel aos avanços já existentes no projeto da Câmara.

Na LDB art. 58 a educação especial é destinada aos alunos com necessidades especiais, que para Saviani (1997, p. 218) "caráter circular, vago e genérico", os parágrafos 1º e 2º, o ensino deve ser integrado, a separação deve acontecer só quando não tiver possibilidade para a integração. O artigo prevê "professores com especialização adequada em nível médio ou superior (...) bem como professores do ensino regular capacitados para a integração (...)". Para Ferreira & Nunes (1997) a especialização destinada aos portadores obteve destaque em todas as audiências públicas sobre educação especial, o principal desafio é entender a função do professor diante de uma proposta integradora, solicitando um profissional multifuncional.

## CAPÍTULO II

### INCLUSÃO DE CRIANÇAS ESPECIAIS NA ESCOLA ESTADUAL TARSILA DO AMARAL: CONHECENDO A REALIDADE DE CRIANÇAS DA DEFICIÊNCIA INTELECTUAL E SUA INCLUSÃO NA SALA DE AULA.

O currículo escolar da instituição abrange em todas as etapas a inclusão de alunos portadores de necessidade especiais com rampas de acesso, salas espaçosas, banheiros adaptados, bebedouros com fácil acesso, amplo corredor para recreio e interação do aluno. O currículo pedagógico visa a inclusão escolar e todos alunos com limitações são incluídos em salas regulares. Os educadores são professores sem especialização específica, porém a escola possui uma sala de recursos especiais, ainda que com muitas dificuldades para o atendimento ao educando especial, por falta de estrutura física e tecnologia para melhor qualidade do ensino e iluminação precária que dificulta para o aluno com limitação na visão, para a educadora. “A falta de capacitação de cursos específicos para a inclusão especial e recursos pedagógico ainda persiste como maior obstáculo. ”. (PROFESSORA A. M.)

Os trabalhos apresentados são de autoria da professora de recursos especiais A. M.

ALUNOS ESPECIAIS NA ESCOLA ESTADUAL TARSILA DO AMARAL					
Aluno/sexo	Idade	Escolaridade	Participação da família	Especialidade	Apresentação
A. / M.	11	6º	Nula	Doença intelectual	Imperativo/ausente nas aulas
E. / M.	16	8º	Pouca	Doença intelectual	Faltou à aula devido transporte
E. / F.	23	8º	Nula	Doença intelectual	Não encontrado.
G. / F.	24	9º	Nula	Doença intelectual	Não frequenta.
L. / F.	12	7º	Média	Doença intelectual e física	Espontânea/ativa.
N. / M.	11	6º	Nula	Doença intelectual	Ausente/quieto nas aulas.
Na. F.	14	7º	Média	Doença intelectual	Esquece fácil das coisas/Ausente nas aulas.
M. / M.	14	7º	Nula	Doença Intelectual	Não frequenta.

**Tabela 01:** Dados alunos especiais da Escola Est. Tarsila do Amaral.

**Fonte:** Arquivo pessoal, 2014.

Vemos na tabela 01 dados dos alunos especiais matriculados na Escola Estadual Tarsila do Amaral. Todos alunos são matriculados em salas de aulas regulares, apenas o aluno E. não está frequenta as aulas pois não suporta o barulho que os alunos fazem. Dois alunos não frequentam as aulas devido à idade, apenas matriculam todos os anos devido os programas sociais que precisam desses registros.

A professora A. M, cinquenta anos, sendo trinta anos de profissão como professora pedagoga com pós graduação em psicopedagogia e inclusão social, trabalha a mais de três anos com a sala de recursos para alunos especiais sendo que no ano de 2013 não trabalhou com os alunos.

“O desenvolvimento dos alunos estava satisfatório, me arrependo de não ter pegado a sala de recursos no ano passado, é um trabalho árduo, mas satisfatório, tenho amor por essas crianças. ” (PROFESSORA, A. M.)

Vemos na figura 01 o aluno N. C., 11 anos, em atividade na sala de aula, o aluno apresentou tranquilo, possui dificuldade para copiar do quadro sendo o último a terminar a atividade, durante a observação ele copiava do quadro, sempre lembrando o professor para não pagar a atividade que ele copiava. Ao ser questiona se ele sabia o que estava copiando e respondia:

“Eu sei, olha PA..I...SA...GEM!”. (N. C.)



**Figura 01:** Alunos especial em inclusão social.

**Fonte:** Arquivo pessoal, 2014.

O professor ministrou a aula normalmente, os alunos muito agitados pediam para irem ao banheiro enquanto o N. C. apenas copiava do quadro, as vezes falava algo sem sentido quem sabe com ele mesmo!

O professor questiona:

“Qual a capital de Cuiabá, N.?” (PROFESSOR A)

“Amazonas!” (N. C.)

“Não, pense um pouco, classe qual a capital do Amazonas?” (PROFESSOR A)

“Eu sei, Manaus.” (N. C.)

“Porto Velho.” (ALUNO REGULAR A)

Este dialogo merece atenção devido a participação do aluno em sala, sentado na primeira fileira está sempre argumentando sobre a matéria.



**Figura 02:** Alunos especial em distração na sala de aula.  
**Fonte:** Arquivo pessoal, 2014.

Vemos na figura 02 o aluno N. C. na sala de aula, observamos enquanto o professor explica o conteúdo ele apenas fica inerte em sua vida. Para o professor são duas tarefas diferentes, precisa se preocupar com os alunos e o N. pois a toda instante precisar pedir sua atenção.

“N., presta a atenção, olha para mim, Classe, silencio!” (PROFESSOR A)

Vemos na figura 03 a atividade desenvolvida pelo N. C. na sala de recursos. Ainda que ele esteja no 6º ano do ensino fundamental de nove, o seu desenvolvimento pedagógico é para aluno 2º ano.



**Figura 03:** Atividade do N. C. na sala de recurso.

**Fonte:** Professora recursos especiais da escola, 2014.

O aluno está em desenvolvimento na leitura e escrita, porem as atividades que desenvolve são muito primárias, cabe a professora de recursos especiais desenvolver atividades voltadas para cada especialidade, as atividades estão disponibilizadas nesse trabalho. As letras são de forma, não desenvolve de forma alguma letra cursiva. (PROFESSORA RECURSO A. M.)

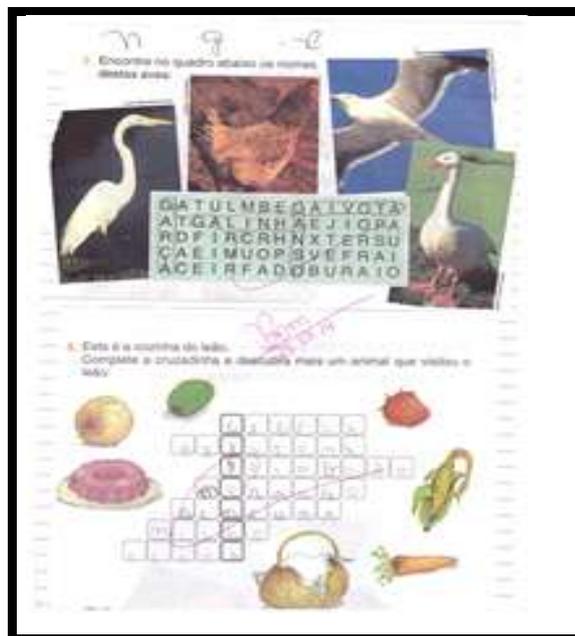


**Figura 04:** Atividade com recursos visuais.

**Fonte:** Professora recursos especiais da escola, 2014.

Vemos na figura 04, atividade desenvolvida com recursos visuais desenvolvido pela professora de recurso.

“Infelizmente todas as atividades que aplico aos alunos, são desenvolvidas e retiradas de livros ou da internet, procuro sempre atividades que tem grande recurso visual, pois atrai o aluno, as cores são fundamentais para o sucesso da atividade para o aluno especial, o N. lê e escreve com muita dificuldade, então nas atividades utilizo muito os desenhos.” (PROFESSORA A. M.)



**Figura 05:** Atividade de formação de palavras.  
**Fonte:** Professora recursos especiais da escola, 2014.

Vemos na figura 05, atividade de formação de palavra desenvolvida especialmente para o aluno N. C., observa que o recurso do desenho permite ao aluno identificar as palavras.

“O N. sente dificuldade sempre na primeira questão, depois consegue desenvolver as seguintes mais rápidas.” (PROFESSORA A. M.)

“Professora, só eu tô fazendo a tarefa, (...) fica quieto!”

Reclama a todo instante o N. C., enquanto a professora conversa.

“Vamos, já fez a tarefa? Olhe, pense, observe se essa é a cor certa, vamos! (PROFESSORA A. M.)

“Eu sei, a Naty não fez nada ainda. (N. C.).

Vemos na figura 06, aula de português com professora titular P., segundo a professora regente a “inclusão torna difícil devido à falta de capacitação para os professores, com metodologia diferenciada”. O segundo aluno pesquisado, A. 11 anos de idade, 6º ano do ensino fundamental de nove anos, apresenta no ambiente escolar imperativo e ausente na resolução da atividade.



**Figura 06:** Alunos especial em sala de aula.  
**Fonte:** Arquivo pessoal, 2014.

“O A. é aluno muito imperativo, já fugiu algumas vezes da escola, a existência de duas escolas perto permite a fuga, a escola do acesso a outra e essa segunda escola estuda apenas alunos do ensino médio, portanto a segurança de saída e entrada é mais branda, ele já aproveitou essa possibilidade e saiu da escola, agora estamos mais preparados para essas emergências.” (PROFESSORA B)

“Ele copia a atividade, mas não entende o que está copiando, quando ele sentava na carteira atrás de mim, ele puxava meu cabelo, me beliscava.” (COLEGA DE CLASSE, B)

“Ele chama as meninas de piriguete!” (COLEGA DE CLASSE C)

“Mentira professora, mentira, olha não fala para minha mãe não!” (A.)

“A. escuta! O que é piriguete para você!” (PROFESSORA B)

“Não chamo não, professora!” (A.)

Questiono ao A:

“O que é piriguete?” (PROFESSORA B)

“Menina que conversa demais, não é? Não fala para minha mãe tá?” (A.)

A todo instante o aluno repete a frase: “Não conta para mim mãe não tá! ”. Muito imperativo, possui momentos em que surta e sai correndo pela escola, a participação da família é nula, simplesmente não acompanha o aluno.



**Figura 07:** Alunos especial em aula inclusiva.

**Fonte:** Arquivo pessoal, 2014.

Vemos na figura 07, aluno em aula inclusiva, para seus colegas de classe, o aluno especial é muito bagunceiro e distraídos. Apesar que a sala toda por ser 5ª série do ensino fundamental de oito anos, faixa etária de onze anos sempre são mais ativos, exigem mais atenção.

“Quando conhecemos a N. R. pensamos que ela não tem limitação, fisicamente normal, apenas quando conversamos com ela percebemos a limitação!” (PROFESSORA A. M.)

“Oi N. R., tudo bem, você sabe ler? ”

“Não!” (N. R.)

A aluna tem boa aparência física, na primeira impressão nota se uma adolescente perfeita.

“Vamos N. R. você ainda não fez a atividade?” (PROFESSORA A. M.)

“Tô fazendo!” (Risos) (N. R.)

“Qual sua idade?” (PROFESSORA A.M.)

“Eu fiz aniversário quinta feira!” (N. R.)

“Fala N. R. sua idade para a professora!”

“Eu não lembro, eu esqueci!” (N. R.)

“14 anos, não é verdade?” (PROFESSORA A. M.)

“É verdade!” (Risos) (N. R.)

“Que série você estuda?” (SIRLENE RIOS)

“Hum....hum...hum...” (N. R.)

“5ª série C e eu estudo na B!” (COLEGA DE SALA DE RECURSO L.)

A aluna esquece fácil das coisas, está sempre desatenta, ri e escreve. Aparentemente a aluna é uma adolescente formosa e meiga, tímida e alegre.



**Figura 08:** Alunos em aula de recurso especial.

**Fonte:** Arquivo pessoal, 2014.

Vemos na figura 08, aula de recurso, a quarta aluna especial é a L. 11 anos de idade 7º ano do ensino fundamental de nove anos, mãe teve rubéola na gestação, a aluna é a única que apresenta deficiência física, tem o formato do rosto deformado.

“A L. é muito dedicada, esperta, sabe ler e escrever razoavelmente, mas ainda apresenta limitação para a série dela. Apesar da deficiência física, ela se locomove com facilidade”. (PROFESSORA A.M.)

O deficiente intelectual tem a seu favor a psicologia e seu avanço nas pesquisas, entender os processos de reintegração é fundamental para a compreensão dessa limitação.

A psicologia tem avançado no sentido de integrar os processos metacognitivos aos trabalhos de reeducação, buscando favorecer as habilidades intelectuais das pessoas com deficiência mental. Os autores que fazem uma análise da deficiência intelectual na perspectiva de tratamento da informação são unânimes em destacar a ausência de

consciência metacognitiva nas pessoas com deficiência mental e consideram essa incapacidade como elemento central das limitações na adaptação e na autonomia (Sternberg 1982 *apud* Mantoan, 1998, p. 5)

Diferentes autores estudam a deficiência mental e contribui para o entendimento da sociedade em geral em relação a essa limitação.



**Figura 09:** Alunos especiais em atividade.

**Fonte:** Arquivo pessoal, 2014.

Vemos os alunos em atividade, a professora muito experiência utiliza recursos pedagógicos para chamar a atenção do aluno. Para as aulas de matemática utiliza dados de madeira que permite ao aluno contar e chegar ao resultado que está com uma determinada cor na folha de tarefa, então ele pinta o desenho com a cor correspondente.

“Para que eles se interessem pelas atividades os recursos visuais são fundamentais!” (PROFESSORA A.M.)

Os recursos pedagógicos precisam ser muitos, adaptar para a sala de aula é fundamental para que a aprendizagem aconteça.

Utilizar sempre recursos pedagógicos que auxiliem e ajudem a melhorar a utilização da memória desse aluno estimulando continuamente seu intelectual; como a leitura, exercícios de memória, palavras cruzadas, jogos de xadrez, associação de fatos a imagens, trabalhos de dramatização e teatro contemplando os conteúdos propostos por meio de experiências (o real), e não somente por meio de informações (o abstrato). (CASTRO *et al*, 2010, p. 5)

Estimular o intelectual da criança através de atividade pedagógica que possa ser trabalhada livremente, espontânea e prazerosa. Onde ela não sinta a obrigação em realizar a tarefa e a compreensão pelo exercício seja gradativa.



**Figura 10:** Alunos especiais em atividade.  
**Fonte:** Arquivo pessoal, 2014.

Vemos na figura 10, alunos especiais em atividade, o quinto aluno pesquisado foi o E. 16 anos de idade, 8º ano do ensino fundamental de nove anos. O E. foi escolhido para ter um estudo mais profundo sobre sua limitação educacional e social.

“O E. tem uma grande habilidade para pintar desenho como mostrará as próximas figuras, ainda não sabe ler e escrever. Mesmo no 8º ano do ensino fundamental de nove anos, ele tem muita limitação, ainda que o progresso acontece. Ele não frequenta a sala de aula apenas as aulas de recurso, fica apavorado com o barulho. Os pais são muito participativos, sempre veem a escola conversam comigo e com a direção.”. (PROFESSORA A.M.)

O aluno chama a atenção pela timidez, quieto, durante a entrevista e observação esteve ligado no desenho que pintava e nem parecia que se falava dele. A aula acompanhada foi de matemática, e a professora usa o recurso de colocar as continhas dentro da figura para que ele resolva. Observe que ela coloca os resultados ao lado com uma cor e ele deve pintar a flor com a resposta que equivale a cor.

“Utilizo a pintura que ele gosta muito para incentivar a buscar o resultado, os dados ajudam a chegar ao resultado. ”. (PROFESSORA A. M.)

O professor tem um papel importante na integração do aluno ao meio em que está inserido, para Montoan (1998, p. 5) “difere das condutas do psicólogo ao solicitar e mediar o exercício das funções cognitivas, porque a intervenção pedagógica acontece em um contexto interacional de coletividade e tem uma vocação específica ”, ou seja sem fins individuais e terapêuticos.



**Figura 11:** Desenho pintado pelo aluno.

**Fonte:** Professora recursos especiais da escola, 2014.

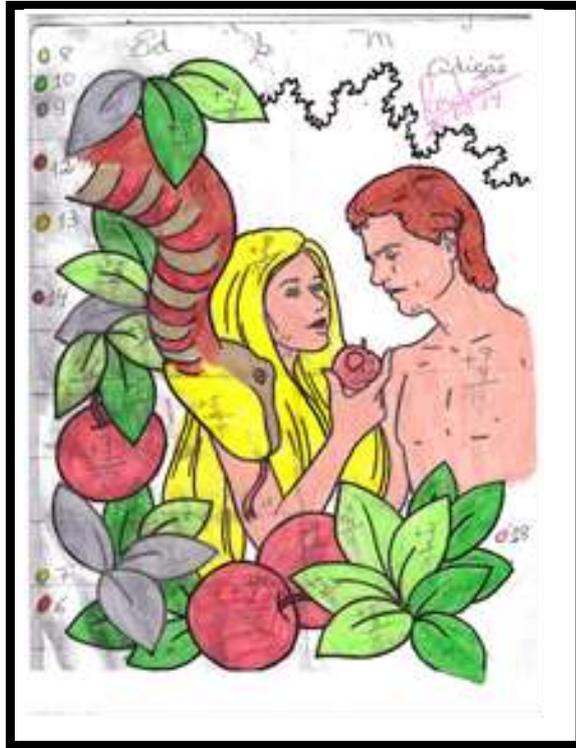
Vemos na figura 11, desenho pintado pelo aluno, que desenvolve a atividade de matemática.

“O E., é um aluno calmo, possui limitação na leitura e escrita, quando estamos sozinhos conversa muito, porem quando tem mais alguém ele é tímido. ” (PROFESSORA A.M.)

Enquanto a professora é entrevistada o aluno continua fazendo a tarefa.

“Vamos E. converse com a professora ela quer te conhecer, (...) ele tá com vergonha! Os pais dele são muito presentes na escola”. (PROFESSORA A. M.)

Vemos na figura 12, tarefa realizada pelo aluno E. A professora sempre utiliza encaixar entre as contas de adição ou multiplicação dentro dos desenhos, pois isso junta o que o aluno mais gosta de fazer.



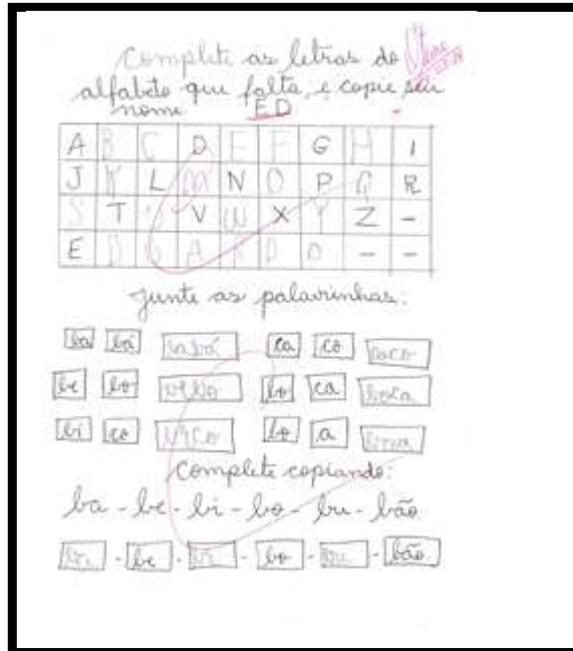
**Figura 12:** tarefa realizado pelo aluno E.

**Fonte:** Professora recursos especiais da escola, 2014.

“Esse desenho é lindo, muito bem a pintura realizado pelo aluno. ”.  
(PROFESSORA)

De acordo com Scharnorst e Buchel (1990) pessoas com deficiência intelectual apresentam menos habilidade referente a generalização das aprendizagens.

Vemos na figura 13, atividade de alfabetização aplicada ao aluno. Observa se que o aluno desenvolve atividade muito primária, esquece fácil a tarefa e necessita de total auxílio pedagógico.



**Figura 13:** Atividade de alfabetização.

**Fonte:** Professora recursos especiais da escola, 2014.

Para Castro et al (2010, p. 5) “o educador precisa ter sua prática revestida de significado e alimentar a autoestima do aluno para facilitar o processo de ensino e aprendizagem. ”. O professor precisa conhecer o aluno e a limitação para assim trabalhar conteúdos que trará benefícios para sua vida social e escolar.



**Figura 14:** Quarto do E.

**Fonte:** Arquivo pessoal, 2014.

Vemos na figura 14, o quarto do menino E. segundo a mãe ele tem laudo médico com dois diagnósticos médico Imperativo e Epilepsia, porem nenhum dos dois sintomas apresenta com frequência. Durante a visita a sua residência o E. permanecia distante, enquanto a mãe atenciosa conversava sobre o assunto.

“Ele é filho adotivo, único, antes de nascer e ao saber que ele teria essa doença a mãe já entregou para a adoção e a assistência social me procurou e falou a realidade, então pensei! Só pode que Deus me escolheu. Mas ele tem grande progresso, os médicos falavam que ele não andaria, seria totalmente limitado. ” (N. MÃE, E.)

Observamos que ele não frequenta a aula regular apenas o recurso.

“Ele tem um problema sério com barulho, ele não aguenta gritaria na cabeça dele, inclusive não temos vida social ativa, sempre evitamos lugar com muito barulho! Tadinho, coitado do E. ele não entende que é importante para ele” (N. MÃE, E.)

Para os pais eles são permissivos demais com o filho, e a palavra tadinho, coitado, são muito utilizados pela mãe.

“Somos felizes e nunca arrependemos por ter adotado ele. Fazemos todas as vontades dele, compramos notebook, carrinho, ele liga o computador e desenha, para mim ele é igual a todos os meninos. As vezes ele é teimoso, quer ir na casa da tia, mas eu falo brava para ele não ir aí ele fala que vai, mas na verdade fica sentado na frente da casa. (E. vem conversar com a professora!), ele é muito medroso, não vai à escola porque tem medo de crianças gritando, ele não tem amigos por que se machucar ele, ai nunca mais volta a conversar com a criança, é muito medroso. Não conhece dinheiro, apenas 2,00, peço para ele comprar as coisas para mim mas só na vizinhança. ”. (N. MÃE, E)

A família do E. dentro da classe social financeira que pertence - C - é considerada de ótima situação financeira, donos de loja de roupa, permitem ao filho fazer suas vontades, é livre.

## CONCLUSÃO

Considerando que o objetivo principal do trabalho é apresentar a inclusão de criança com deficiência intelectual em escolas regulares, o trabalho alcançou seu objetivo pois apresentou o currículo escolar e a inclusão social.

Os levantamentos dos problemas abordaram o currículo escolar e a inclusão social que deve ser antes de tudo integradora, todos alunos são iguais perante a lei e a escola deve priorizar por um ensino homogêneo e de qualidade, onde a diferença não seja obstáculo e sim um desafio a ser superado. Para os educadores é preciso capacitação profissional para o atendimento da criança com necessidade especial, a inclusão deve acontecer porém é preciso preparar o professor para esse recebimento. As limitações enfrentadas pelos deficientes mentais para a inclusão estão na pedagogia apresentada, uma vez que criança com deficiência intelectual tende a ser mais lenta no raciocínio e a leitura e a escrita acontecem com muita limitação. A posição da família frente a essa realidade revelou que a família nem sempre participa ativamente no processo ensino-aprendizagem.

A pesquisa realizada na Escola Estadual Tarsila do Amaral mostrou que os desafios para a inclusão das crianças com deficiência intelectual são muitos, a escola procura amenizar a diferença, mas as dificuldades enfrentadas pelos professores são muitas, a falta de capacitação especializada é o maior desafio da instituição.

O objetivo é geral conhecer a realidade do aluno com deficiência intelectual na Escola Estadual Tarsila do Amaral no ano de 2014 foi alcançado pois mostrou a realidade tanto no ambiente escolar quanto na residência de um aluno especial.

## REFERÊNCIAS

- BEYER, H. O. A educação inclusiva: incompletudes escolares e perspectivas de ação. **Cadernos de Educação Especial**. Santa Maria, n. 22, 2003. Disponível em: [http:// www.ufsm.br/ce/revista/ceesp/2003/02/a3.htm](http://www.ufsm.br/ce/revista/ceesp/2003/02/a3.htm) . Acesso em: 18 ago, 2006.
- CASTANHO, D. M.; FREITAS S. N. Inclusão e prática docente no ensino superior. **In: Revista Educação Especial**. Santa Maria, n. 27, 2005. Disponível em: [http:// www.ufsm.br/ce/revista/ceesp/2006/01/a6.htm](http://www.ufsm.br/ce/revista/ceesp/2006/01/a6.htm) . Acesso em: 19 ago, 2006.
- CASTRO, José Carlos Vilhena, *et al.* **Os benefícios das intervenções pedagógicas para o desenvolvimento cognitivo do estudante com déficit intelectual (D I)**. Anais da III Jornada de Pós-Graduação da FIBRA – setembro de 2010. Disponível em: <http://www.fibrapara.edu.br/seer/ojs/index.php/anais/article/view/35/34>. Acesso em: 02 jun, 2014.
- CONSELHO Nacional de Educação, Câmara de Educação Básica. Proposta de regulamentação da Lei 9.394/96 e Trabalho preliminar de interpretação da LDB. Brasília, 1997, mimeo.
- EIDELWEIN, M. P. Pedagogia universitária voltada a formação de professores na temática da inclusão. *Revista Educação Especial*. Santa Maria, n. 26, 2005. Disponível em: <http://www.ufsm.br/ce/revista/ceesp/2005/02/a9.htm> . Acesso em: 18 ago 2006.
- FERREIRA, J.R. A educação especial na LDB. Comunicação apresentada na XVII Reunião Anual da Anped. Caxambu, 1994, 10 p.
- FERREIRA, J.R. e NUNES, Leila R.O.P. A educação especial na nova LDB. Comentário sobre a educação especial na LDB". In: Alves, N. e Villardi, R. (org.). *Múltiplas leituras da nova LDB*. Livro organizado por N. Alves e R. Villardi. Rio de Janeiro: Dunya, 1997, pp.17-24, no prelo.
- GOMES, N. L. Diversidade e Currículo. In. BEAUCHAMP, J.; PAGEL, S. A. (org). **Indagações sobre currículo**. Brasília: Ministério da Educação. 12
- HUMMEL, E. I. A formação de professores para o uso da informática no processo de ensino e aprendizagem de alunos com necessidades educacionais especiais em classe comum. 2007. 214f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007.
- JESUS, D. M. Inclusão escolar, formação continuada e pesquisa-ação colaborativa. In: BAPTISTA, C. R. (Org.) *Inclusão e Escolarização: múltiplas perspectivas*. Porto Alegre: Mediação, 2006. p. 95 -106.

MARTINS, L. A. R. Inclusão escolar: algumas notas introdutórias. In: MARTINS, L. A. R. et. al. (Org.). *Inclusão: compartilhando saberes*. Petrópolis: Vozes, 2006. p.17-26.

MAZZOTTA, Marcos J.S. *Educação especial no Brasil: História e políticas*. São Paulo: Cortez, 1996.

MOREIRA, A. F. B. **Currículo: conhecimentos e cultura**. Salto para o futuro. Brasília: MEC/SEED. 2009.

MANTOAN, *Maria Teresa Eglér*. **Educação escolar de deficientes mentais: Problemas para a pesquisa e o desenvolvimento**. Cadernos CEDES Print ISSN 0101-3262 Cad. CEDES vol.19 n.46 Campinas Sept. 1998. doi: 10.1590/S0101-32621998000300009. Disponível em: <http://www.educacao.salvador.ba.gov.br/Site/documentos/espaco-virtual/espaco-educar/educacao-especial-sala-maria-tereza-mantoan/ARTIGOS/Educacao-escolar-de-deficientes....pdf>. Acesso em: 02 de jun, 2014.

OLIVETO, J.; MANZINI, E. J. Dificuldades de professores de pré-escola no trabalho de integração de alunos com deficiência. In: MANZINI, E. J. (Org.) *Integração do aluno com deficiência: perspectiva e prática pedagógica*. Marília: Unesp Marília Publicações, 1999. p.27-56.

ROLDÃO, M. do C. *Diferenciação Curricular*. In.: RODRIGUES, D. (org) **Perspectivas sobre a Inclusão: da diversidade à sociedade**. Porto: Editora Porto. Portugal. 2003.

STAINBACK, S; STANBACK W. **Inclusão: um guia para educadores**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

SCHARNORST, U. e BUCHEL, F.P. "Cognitive and metacognitive components of learning: Search for the locus of retarded performance". *European Journal of Psychology of Education*, nº 2. 1990, vol. 5, pp. 207-230.

SANTOS, J. B. A "dialética da inclusão/exclusão" na história da educação de 'alunos com deficiência'. *Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade*. Salvador, v.1, n. 1, 2002.

VITALIANO, C. R. *Concepções de professores universitários da área de educação e do ensino regular sobre o processo de integração de alunos especiais e a formação de professores*. 2002, 308f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2002.

## ANEXOS

1. Como apresenta o currículo escolar no quesito inclusão social?
2. Para os professores como apresenta a inclusão dos deficientes mentais?
3. Qual o desafio a ser superado?
4. Qual a participação da família nesse processo ensino-aprendizagem?